

## A construção social e psicológica dos valores

*Ulisses F. Araújo*

### Introdução

Escrever um texto sobre educação em valores é uma oportunidade ímpar de sistematizar idéias, projetos e pesquisas que venho publicando nos últimos anos tendo essa temática como foco central. Fazê-lo em formato de diálogo com o professor Josep Puig torna este trabalho ainda mais significativo, por ser ele um dos autores mais importantes nesse campo do conhecimento e uma das referências das minhas ações educacionais no Brasil.

Pelo próprio objeto do estudo em questão, educação e valores, embora vários caminhos pudessem ser seguidos, o texto será

construído na intersecção entre a psicologia e a educação, minhas áreas de formação e de atuação acadêmica. Entendo que a psicologia fornece elementos importantes para a compreensão da natureza e da vida humana em suas relações com o mundo social, natural e cultural em que vivemos, e tais conhecimentos são ferramentas fundamentais para aqueles que se preocupam com a educação ética das novas gerações. Entender o funcionamento psicológico do ser humano e como cada pessoa se relaciona consigo mesma e com o mundo à sua volta pode ajudar na construção de procedimentos e estratégias educativas mais “eficientes” que permitam a construção efetiva de valores éticos desejáveis por uma sociedade que almeja alcançar a justiça social, a igualdade e a felicidade para cada um e todos os seres humanos.

Para atingir esses objetivos, será trilhado um caminho que se inicia com a discussão dos processos psicológicos de construção de valores. Tais processos serão abordados, na seqüência, à luz de teorias de complexidade que trazem novas perspectivas para o estudo das relações do ser humano consigo mesmo e com o mundo externo. Por fim, decorrentes do modelo conceitual adotado, serão trazidos procedimentos e estratégias educativas que permitam propiciar a construção de ambientes éticos na escola e em suas inter-relações com a comunidade de seu entorno, permeados por preocupações e ações que promovam a democracia, a cidadania e os direitos humanos.

Penso, com isso, contribuir para que a educação em valores ocorra diariamente na vida das pessoas, e não apenas por meio de ações isoladas e fragmentadas nos diversos espaços da vida social. Espero que o resultado atenda às expectativas de leitores e leitoras da obra e que sua publicação, bem como o debate que dela decor-

rerá, contribua para o fortalecimento da prática educativa das pessoas que entendem que a educação deve pautar-se cotidianamente em valores de democracia, de ética e de cidadania.

### O que são e como são construídos os valores?

O ponto de partida para essa discussão deve ser o processo psicológico de construção dos valores. Afinal, uma grande questão que cerca esse tema é como cada ser humano se apropria de determinados valores e não de outros. Para exemplificar, por que algumas pessoas são violentas e outras não? Por que algumas vivem para servir aos demais e outras são egocêntricas e só agem em seu próprio interesse? Entender como se dão esses processos constitutivos da natureza humana é uma meta da psicologia que pode influenciar a elaboração de modelos educativos mais adequados à realidade psicológica dos seres humanos e aos objetivos da sociedade.

Minha referência inicial para essa discussão é o trabalho do psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget e um texto pouco divulgado fora do meio “piagetiano”, porque resulta das anotações de um curso ministrado por ele na Universidade de Sorbonne, em Paris, no ano acadêmico de 1953/54: “*Les relations entre l'affectivité et l'intelligence dans le développement mental de l'enfant*” (1954).

Ao falar de valores, Piaget refere-se a uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, objetos ou pessoas. Nesse sentido, para ele os valores e as avaliações que fazemos no cotidiano pertencem à dimensão geral da afetividade e o valor é resul-

tado, é construído com base nas projeções afetivas que o sujeito faz sobre objetos ou pessoas.

Tentando definir em linguagem bem simples, valor é aquilo de que gostamos, que valorizamos e, por isso, pertencente à dimensão afetiva constituinte do psiquismo humano. Ainda não estamos nos referindo, portanto, a valores morais.

Em outra perspectiva, podemos assumir o pressuposto epistemológico interacionista e construtivista trazido por Piaget de que os valores são construídos nas interações cotidianas. Com esse princípio, o autor recusa tanto as teses aprioristas de que os valores são inatos quanto as teses empiristas de que eles são resultantes das pressões do meio social sobre as pessoas. Nessa concepção, de um construtivismo radical, os valores nem estão predeterminados nem são simples internalizações (de fora para dentro), mas resultantes das ações do sujeito sobre o mundo objetivo e subjetivo em que ele vive.

É essa idéia de um sujeito ativo que permite entender o princípio de que os valores são resultantes de projeções afetivas feitas nas interações com o mundo, em oposição à idéia de simples internalização dos valores, sofrida por sujeitos “passivos”, moldados pela sociedade, pela cultura e pelo meio em que eles vivem. É a ação do sujeito (representada pelo princípio de projeção afetiva) que nos ajuda a entender por que duas pessoas vivendo em um “mesmo” ambiente podem construir valores tão diferentes uma da outra. Se o processo fosse de simples internalização a partir da sociedade e da cultura, teríamos maior homogeneidade nos valores das pessoas, o que não se constata na realidade.

Partindo de tais pressupostos e de outros estudos e pesquisas que venho desenvolvendo, passei a redefinir as idéias de Piaget,

afirmando que os valores são construídos com base na projeção de sentimentos *positivos* que o sujeito tem sobre objetos e/ou pessoas e/ou relações e/ou sobre si mesmo. Com isso, entende-se que um sujeito pode projetar sentimentos positivos sobre: objetos (por exemplo, a escola); pessoas (por exemplo, um amigo ou o pai); relações (por exemplo, a forma carinhosa com que um homem trata uma mulher, ou um professor seus alunos); si mesmo (e aqui está a base da auto-estima).

Nessa definição, além de ampliar o espectro dos possíveis “alvos” das interações e projeções afetivas humanas (não apenas objetos ou pessoas) que poderão converter-se em valores, e de adotar o construtivismo e a ação projetiva do sujeito como pressupostos, incorporo uma valência dos sentimentos, para poder projetar tanto sentimentos positivos quanto negativos sobre objetos, pessoas, relações e sobre si mesmo.

Se o valor refere-se àquilo de que a pessoa gosta e que valoriza, a valência positiva dos sentimentos torna-se essencial para que o alvo da projeção seja considerado um valor pelo sujeito. Ou seja, uma idéia ou uma pessoa tornar-se-ão um valor para o sujeito se ele projetar sobre ela sentimentos positivos. Na direção contrária, as pessoas também projetam sentimentos negativos sobre objetos e/ou pessoas e/ou relações e/ou sobre si mesmas. Nesse caso, o que se constrói, também com uma forte carga afetiva, é o que chamamos de contravalores. Logo, os contravalores referem-se àquilo de que não gostamos, de que temos raiva, que odiamos, por exemplo.

Novamente para explicitar como se dá o processo de construção de valores, podemos imaginar como exemplo a relação de uma criança com a pessoa que cuida dela, a abraça, a alimenta, lhe

dá carinho e a ouve. Existe uma grande possibilidade de que a criança projete sentimentos positivos sobre tal pessoa, que geralmente é chamada de mãe, que goste dela, e que essa mãe se torne um valor para a criança. Por outro lado, se o adulto que cuida dela o faz de maneira ríspida, violenta, sem afeto, é possível que não seja alvo de projeções afetivas positivas e, conseqüentemente, não se constitua como um valor para essa criança.

Podemos fazer uma analogia com a escola. Se a criança gosta do ambiente, se é bem tratada, respeitada, se vê sentido no que aprende ali, a instituição escolar pode se tornar alvo de projeções afetivas positivas e um valor para ela. Essa criança terá o desejo de voltar à escola todos os dias. Caso contrário, se ela é constantemente humilhada, desrespeitada, questionada em suas capacidades e competências intelectuais e sociais, é bem provável que esse espaço seja alvo de projeções afetivas negativas, que não seja valorizado, que não se constitua como um valor para ela, mas num contravalor. Nesse caso, por ser um espaço odiado, desqualificado, pode ser depredado, vandalizado, ignorado.

Para complementar a discussão e fugir do lugar-comum que vincula valores à moralidade, é importante apontar que, do ponto de vista psicológico, é possível o ser humano construir valores que não sejam morais. Tanto é que o alvo das projeções afetivas *positivas* de uma pessoa podem ser o traficante de drogas, as formas violentas de resolução de conflitos, os espaços autoritários. Embora do ponto de vista moral possamos desejar que as crianças não construam tais valores, na realidade psicológica da pessoa isso é possível e até bastante comum: o traficante, a violência e o autoritarismo são valores para alguns. Podemos pensar, por exemplo, no papel da mídia, que, empregando linguagens altamente

atrativas e dinâmicas, banaliza a violência quando elege como heróis personagens que são assassinos; quando normaliza a prostituição feminina e o culto a determinados padrões estéticos; quando apresenta de forma acrítica casos de corrupção. Se tais valores são transmitidos em linguagens dinâmicas e interessantes, como a da televisão, da internet e dos videogames, e apresentados como formas legítimas para atingir os objetivos de consumo alimentados pelos jovens, podemos pensar que aumentará a probabilidade de que se tornem alvo de projeções afetivas positivas desses jovens e sejam por eles valorados.

Partindo de idéias já publicadas (Araújo, 1999; 2002) e de autores como Piaget (1954), Brown (1996), Blasi (1995) La Taille (2002; 2006) e Damon (1995), entendemos que os valores e contravalores construídos vão se organizando em um sistema de valores e se incorporando à identidade das pessoas, às representações que elas fazem de si.

Para Piaget (1954), por exemplo, originados do sistema de regulações energéticas que se estabelece entre o sujeito e o mundo externo (desde o nascimento), a partir de suas relações com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo, os valores vão se constituindo lentamente em um outro sistema que, com o tempo, acaba se distinguindo do sistema de regulações energéticas, tornando-se mais amplo e estável. Essas valorizações mais estáveis levarão os sujeitos a definir normas de ação que serão organizadas em escalas normativas de valores e, de uma certa forma, forçarão sua consciência a agir de acordo com eles.

Blasi (1995) acredita que os valores estão integrados em sistemas motivacionais e emocionais que, por sua vez, fornecem a base para a construção da identidade e do autoconceito do sujeito.

Quando a compreensão da moral adquire uma força motivacional, torna-se possível levar o indivíduo a integrar seus valores morais num sistema motivacional.

Damon (1995, p. 141) afirma que “para alguns, valores morais são, desde a infância, centrais na concepção que têm de si; para outros, a moralidade permanece periférica em relação ao que pensam ser”. Na mesma direção, La Taille (1996, p. 104) diz que “a grande motivação das condutas morais seria a preservação da identidade pessoal, e a ausência de motivação ou motivação fraca para seguir regras morais seria justamente decorrente de uma identidade pessoal construída com outros valores”.

Essa idéia de que os valores morais podem ser centrais ou periféricos na representação que o sujeito tem de si é muito promissora para se compreender a relação entre os valores (como elementos pertencentes ao sistema afetivo) e a ação das pessoas.

Na tentativa de sintetizar essa discussão, entendo que no processo de desenvolvimento psicológico, durante toda a vida, à medida que nossos valores vão sendo construídos, eles se organizam em um sistema. Nesse sistema de valores que cada sujeito constrói (e que no fundo constitui a base das representações de si), alguns deles se “posicionam” de forma mais central em nossa identidade e outros, de forma mais periférica. O que determina esse “posicionamento” é a intensidade da carga afetiva vinculada a determinado valor (ou contravalor) construído. Logo, nossos valores centrais são aqueles que, além de construídos com base na ação projetiva de sentimentos positivos, tem uma intensidade de sentimentos muito grande. Por outro lado, construímos alguns valores cuja intensidade de sentimentos é pequena e, por isso, estão “posicionados” na periferia de nossa identidade.

Percebe-se, portanto, que incorporamos na definição dos processos psicológicos de construção de valores não só a valência positiva, mas a constituição pessoal de um sistema de valores e o papel da intensidade dos sentimentos no “posicionamento” dos valores nesse sistema.

É evidente que a imagem criada é só uma referência, porque dá a impressão de uma visão estática dos valores, que são centrais ou periféricos. O sistema de valores de um sujeito se organiza de maneira bastante complexa e os valores jamais se projetam de modo isolado no objeto da relação. Esse modelo mais estático pode ser importante como método, como ponto de partida para a compreensão das regulações intrapsíquicas do sujeito quando interage com conteúdos específicos, mas não é suficiente para explicar a realidade cotidiana, na qual não existem conteúdos nem valores interagindo isoladamente.

Um mesmo valor (por exemplo, ser honesto) pode ser central e/ou periférico na identidade do mesmo sujeito, dependendo do conteúdo e das pessoas envolvidas na ação. Ele pode ser estritamente honesto em relação à preservação do patrimônio de seus amigos, o que o levará a sentir-se culpado ou envergonhado se furtar algo de uma pessoa próxima. E não se sentir da mesma maneira se furtar de um estranho ou se falsear em sua declaração de rendimentos para o governo. Ou ainda, tornando o quadro mais complexo, a honestidade para com os amigos pode ser um valor central hoje, mas daqui a um ano, por inúmeras razões imprevistas, passar a ser um valor periférico. Um determinado amigo pode ser um valor para uma pessoa e, depois de um desentendimento, deixar de sê-lo em pouco tempo.

Nota-se que o valor envolvido nos exemplos acima é o mes-

mo, mas o “posicionamento” dele na estrutura da identidade do mesmo sujeito pode variar de acordo com o conteúdo e com as relações presentes na ação, o que torna complexo o estudo dos valores e da moralidade.

Dando seguimento ao estudo do funcionamento psicológico em relação aos processos de construção de valores, em pesquisas anteriores (meu doutorado) demonstrei que as emoções e os sentimentos a que chamamos de morais, como a vergonha, a culpa e o remorso, aparecem (ou são sentidos) quando agimos e/ou pensamos contrariando os valores centrais de nossa identidade. Nesse sentido, eles atuam regulando nosso funcionamento psíquico.

Exemplificando, uma pessoa vai à farmácia comprar um remédio que custa R\$ 10 e descobre que só tem R\$ 9 na carteira. O cliente recebe o remédio e diz que depois voltará para pagar R\$ 1. Se a honestidade é um valor central na identidade desse cliente, ele irá até sua casa, pegará moedas e voltará à farmácia para pagar o que falta. Se não fizer isso, se sentirá mal, incomodado, lembrará a todo momento a sua dívida para com a farmácia. Em geral, enquanto não voltar à farmácia para pagar o que deve, não se sentirá tranquilo. Esse é o papel regulador dos sentimentos morais.

Da mesma forma, conhecemos pessoas que insistem em não pagar suas dívidas e não se importam nem um pouco. Não sentem nem vergonha nem culpa por ficar devendo.

No primeiro caso, a honestidade é um valor central na identidade da pessoa, o que significa que esse conteúdo tem uma forte carga afetiva para ela; já no segundo caso, a honestidade é um valor periférico, localizado à “margem” de sua identidade, com pouca carga afetiva vinculada.

Existem pessoas que sentem vergonha de um ato desonesto, mas não de ser pobres, porque valores como ter dinheiro e posição social não são centrais na identidade delas. O importante para elas é ser honestas. Há pessoas, entretanto, para as quais o importante na vida, o que elas valoram fortemente, é ter dinheiro, é estar bem vestido, é ter beleza física. Muitas vezes, para essas mesmas pessoas, a vida humana não tem valor, e, se precisarem matar para conseguir dinheiro, o farão sem nenhum sentimento de culpa ou vergonha.

É bom ressaltar que o funcionamento psicológico é bem mais complexo do que esses exemplos. Basta pensar nos milhares de coisas de que gostamos e valorizamos para perceber a intrincada teia de possibilidades que constitui o nosso sistema de valores. Assim, as características do nosso sistema de valores, relativos à dimensão afetiva, são bastante flexíveis e maleáveis ou, como tenho dito, fluidas. De fato, a construção do nosso sistema de valores e da nossa identidade está calcada em princípios de incerteza e de indeterminação que fazem com que o posicionamento mais central ou periférico dos valores dependa dos vínculos destes com os conteúdos específicos.

Mais importante ainda, tais características fazem com que o nosso sistema de valores e a nossa identidade não sejam rígidos, pois podem variar constantemente em função dos contextos e das experiências. No entanto, quanto maior for a carga afetiva envolvida no valor, mais central ele se “posicionará” na identidade do sujeito e menos flexível ou fluido será.

Espero ter deixado clara a idéia central de que cada ser humano constrói um sistema de valores com base nas interações que ele estabelece com o mundo e consigo mesmo, desde o nasci-

mento, e que tais valores são resultado da projeção de sentimentos positivos sobre objetos, pessoas, relações e sobre seus próprios pensamentos e ações.

Todos nós temos nosso sistema de valores, que é constituído por valores morais e não-morais. É importante, no entanto, diferenciar o valor moral do valor psíquico. Enquanto o segundo tipo é inerente à natureza humana e todos os seres humanos constroem seu próprio sistema de valores com base nas interações no mundo, desde o nascimento, o valor moral depende de uma certa qualidade nas interações e não é, necessariamente, construído pelas pessoas. Vincula-se à projeção afetiva positiva que o constitui, ligada ou não a conteúdos de natureza moral.

Se os valores construídos como centrais na identidade são de natureza ética, existe maior *probabilidade* de que os pensamentos e os comportamentos da pessoa sejam éticos. Ao contrário, se os valores construídos como centrais na identidade baseiam-se na violência, na discriminação etc., é *provável* que os comportamentos e os pensamentos da pessoa não sejam éticos.

### Teorias da complexidade e a construção de valores

Concluí a primeira parte deste texto caracterizando o processo psicológico da construção de valores com pressupostos de incerteza e de indeterminação. Isso traz, ao mesmo tempo, desafios e abertura para novas perspectivas de compreensão, tanto do funcionamento psicológico do ser humano quanto dos reflexos profundos nas formas com que pensamos as intervenções educativas

que almejam levar os sujeitos escolares a construir valores morais. Afinal, se entendermos tais processos como incertos e aleatórios, seremos obrigados a reconhecer limites em nossas intervenções educacionais e aceitar que deixamos de ter controle sobre a construção de valores, podendo, apenas, exercer influência sobre esses processos.

De fato, basta uma simples observação da realidade para perceber que o controle nunca existiu. Crianças e adultos constroem seus sistemas de valores dentro do espectro de possibilidades que a natureza, a cultura e a sociedade lhes oferecem, mas de forma não previsível. Família, escola, religião, amigos, mídia, cultura, tudo parece influenciar esse processo. No entanto, são processos caóticos não passíveis de ser determinados com antecipação. Podemos falar, no máximo, de probabilidade.

Isso nos leva a uma aproximação de teorias da complexidade, como forma de tentar entender de que maneira se dá a relação do sujeito com o mundo externo e interno, e as infinitas relações possíveis de ser construídas. Minha referência, nessa aproximação, são alguns trabalhos de Edgar Morin.

De acordo com Morin, a complexidade é um fenômeno quantitativo, ou melhor, um fenômeno que possui uma quantidade imensa de interações e interferências em um número muito grande de unidades. Compreende, porém, não só grandes quantidades de interações e unidades que desafiam nossas possibilidades de cálculo, mas também incertezas, indeterminações e fenômenos aleatórios. Para o autor,

À primeira vista a complexidade é um tecido (*complexus*: o que está tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos insepara-

velmente associados: apresenta o paradoxo do único e do múltiplo. Ao olhar com mais atenção, a complexidade é, efetivamente, o tecido de eventos, ações, interações, retroalimentações, determinações, acasos que constituem nosso mundo fenomênico. Assim, a complexidade se apresenta com as características inquietantes do enredado, do intrincado, da desordem, da ambigüidade, da incerteza... (1997, p. 32).

Entende-se facilmente que o processo de construção de valores segue as características do mundo fenomênico citado por Morin. Afinal, em nossas interações cotidianas com o mundo externo e interno temos história, sentimentos momentâneos, valores anteriores, características do alvo da interação e milhares de outros fatores que intervêm naturalmente na relação, podendo levar ou não à construção de determinados valores e ações específicas. Um exemplo de tal complexidade pode ser o que segue.

A identidade de um determinado sujeito foi construída tendo o valor da honestidade integrado em seu núcleo central. Esse sujeito encontra-se com fome, não tem dinheiro para comprar comida e vê a possibilidade de roubar em um estabelecimento. Essa situação dilemática solicita uma ação baseada em seus valores morais e envolve aspectos intra e interpessoais: o valor da honestidade, construído historicamente e organizado em seu sistema de valores, contrapõe-se a uma necessidade biológica premente, amplificada pela presença perceptiva de um alimento. Neste jogo psíquico dinâmico atuam vários elementos, e a intensidade energética presente no valor em jogo (ao lado de outros valores que podem atuar simultaneamente) influi como regulador da ação a ser realizada. Como a honestidade é central para esse sujeito, ele

pode não roubar para não desestabilizar seu equilíbrio psíquico ou para não ter os sentimentos morais (como vergonha e culpa) que decorrerão da ação de violar um valor que lhe é essencial. Mas tudo é relativo, dependendo da intensidade da fome e das condições externas do alimento: quem o possui; a possibilidade de ser pego, ou não, roubando; o tipo do alimento disponível. Esses são exemplos de situações que podem influir no tipo de juízo e de ação do nosso personagem. Ele pode decidir roubar ou, dependendo da situação, encontrar outras opções.

Em outro trabalho, Edgar Morin afirma que a “complexidade fundamental de um sistema é associar em si a idéia de unidade, por um lado, e a de diversidade ou multiplicidade, do outro, que em princípio se repelem e se excluem” (2002, p. 135).

Tal complexidade depende da organização, gerada pelo encadeamento das relações entre componentes ou indivíduos que produzem um sistema ou unidade complexa, dotada de qualidades desconhecidas para os componentes ou indivíduos. A organização liga de maneira inter-relacional os elementos, o que assegura a solidariedade e a solidez referentes às ligações (Morin, 2002, p. 133). Existe, portanto, uma reciprocidade circular entre inter-relação, organização e sistema.

Essa mesma relação talvez possa ser mais bem compreendida no exemplo que Morin (2002, p. 77) apresenta sobre o grande jogo, que envolve a desordem, a ordem e a organização.

Pode-se dizer jogo porque há as peças do jogo (elementos materiais), as regras do jogo (imposições iniciais e princípios de interação) e o acaso das distribuições e dos encontros. No início, este jogo é limitado a alguns tipos de partículas operacionais,

viáveis, singulares e, talvez, a apenas quatro tipos de interação. Mas, assim como a partir de um pequeno número de letras existe a possibilidade de se formar palavras, depois frases, depois discursos, do mesmo modo, a partir de algumas partículas de 'base' se constituem, via interação/encontros, possibilidades combinatórias e construtivas que darão noventa e dois tipos de átomos, a partir dos quais pode, por combinação/construção, constituir-se um número quase ilimitado de moléculas, a seguir de macromoléculas que, combinando-se entre si, permitirão o jogo quase ilimitado das possibilidades de vida. O jogo é então cada vez mais variado, cada vez mais aleatório, cada vez mais rico, cada vez mais complexo, cada vez mais organizador.

Com base em tais pressupostos do pensamento complexo e da organização da vida, buscamos compreender a organização do psiquismo humano com toda a complexidade que lhe é inerente. O processo de construção psicológica dos valores está ancorado nessa complexidade, como no grande jogo.

Partindo dos primeiros valores construídos pela criança, à medida que ela for crescendo, interagindo de forma cada vez mais complexa com o mundo natural, social e cultural em que vive, inúmeros outros valores vão se construindo e, muitas vezes, se contrapondo. Na fase adulta, cada ser humano já construiu uma infinidade de valores que, organizados em um sistema, se combinam em uma intrincada e complexa rede de relações, motivando as condutas de acordo com o contexto em que são solicitados juízos e/ou ações. Como afirma Morin, esse sistema é cada vez mais variado, cada vez mais aleatório, cada vez mais rico, cada vez mais complexo, cada vez mais organizador.

Ao mesmo tempo, o sistema de valores, na perspectiva aqui adotada, constitui a identidade de cada sujeito, o que dá a idéia de unidade, auto-organizada sobre leis caóticas, que configura um sistema. Tal sistema comporta a diversidade ou multiplicidade de valores diferentes que se repelem e se excluem ao mesmo tempo. Por isso, entendo que somente com os pressupostos da teoria da complexidade é possível compreender por que é difícil encontrar coerência entre os pensamentos e as ações dos seres humanos, e entender como valores, pensamentos e ações se contradizem nos conflitos cotidianos.

Enfim, o modelo conceitual trazido pela teoria da complexidade aponta uma nova perspectiva sobre como pode ser compreendida a construção dos valores morais e psíquicos, e sobre como são construídos sobre as inter-relações possíveis entre cada pessoa e um universo complexo de objetos, pessoas, relações e o próprio sujeito.

Com este modelo de complexidade fica evidente que os processos de construção de valores e as relações entre pensamento e ação passam a transitar em um novo universo de explicações, mais próximas de princípios de incerteza, indeterminação e acaso. Tais princípios, que são reais, contradizem as idéias deterministas e simplificadoras que geralmente dominam as explicações em psicologia e educação. Romper com o determinismo em nosso pensamento, com a certeza que queremos ter sobre o futuro, permite ver o mundo de forma diferente.

Adotar a incerteza como princípio causa insegurança de imediato, mas aí está um dos grandes avanços que o pensamento complexo possibilita. A falsa idéia que temos de predizer o futuro analisando o passado e o presente gera uma segurança que nos

apazigüia momentaneamente, mesmo contra todos os indícios de que não temos controle sobre a realidade ou sobre o futuro. Se por um lado isso nos dá tranqüilidade, por outro, a certeza sobre o futuro nos impede de estar abertos para novas e enriquecedoras experiências.

Podemos buscar modelos mais simples de explicação da realidade e, no caso específico deste texto, para os processos psicológicos da construção de valores. Mas acho difícil negar o que essas novas teorias científicas vêm mostrando sobre a organização do mundo em que vivemos. Esse é o desafio atual daqueles que buscam desenvolver formas mais “eficientes”, ou adequadas, de promover uma educação em valores para as novas gerações. A tarefa não é fácil, mas os caminhos estão abertos.

## **Procedimentos e estratégias para uma educação em valores**

Na terceira parte deste texto chegamos ao momento de apresentar como conceber uma educação em valores à luz das idéias defendidas anteriormente. Antes de chegar às propostas concretas, no entanto, procurarei estabelecer alguns parâmetros de articulação entre os inúmeros pressupostos discutidos.

Um primeiro aspecto a ser ressaltado é o entendimento de que o fato de termos compreendido o processo de construção de valores como incertos e aleatórios deve significar que a escola pode buscar estratégias que aumentem a probabilidade de que determinados valores éticos sejam alvo de projeções afetivas positivas de seus alunos e possam se constituir como valores para eles. Ao